
Roda Viva: telejornalismo de referência, construtor do debate público e formador de opinião¹

Ana Beatriz dos Santos MENEZES²
Zulenilton Sobreira LEAL³
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

Resumo

O presente artigo visa analisar o programa telejornalístico Roda Viva, da TV Cultura, partindo do pressuposto de que o mesmo se situa em um lugar de referência no cenário nacional (VIZEU, 2009), atua como um construtor do debate público, pensando nas diversas estratégias utilizadas, e como formador de opinião pública, exercendo a função social do Jornalismo, por meio do aprofundamento dos assuntos relevantes, mas que, como toda a mídia, possui seus interesses. Como metodologias, elencou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 1977), o conceito de enquadramento jornalístico e seus tipos (ROTHBERG, 2010). Além disso, dialoga-se com a convergência midiática (JENKINS, 2009) e a ideia de Jornalismo opinativo (GUERRA, 2003).

Palavras-chave: Roda Viva, telejornalismo de referência, análise de conteúdo, enquadramentos jornalísticos.

Introdução

O Telejornalismo no Brasil nasce nos anos de 1950, representando uma revolução histórica das Comunicações do país, tendo início em setembro de 1950, quando o jornalista Assis Chateaubriand inaugura a PRF-3/TV Tupi, Canal 3 de São Paulo. Para Mello (2009), isso ressignifica o fazer jornalístico brasileiro que, até o momento, era somente feito através do rádio.

De setembro de 1950 até os dias atuais, o telejornalismo foi conquistando o público brasileiro e se adequando às novas tecnologias e necessidades do público, e foi se consolidando como a forma de Comunicação mais procurada, não somente no Brasil, mas no mundo todo. De acordo com dados de junho de 2023 divulgados pela *YouGov*, multinacional especializada em pesquisa de mercado *on-line*, 64,2% dos brasileiros dizem receber notícias pela TV, respondendo à pergunta: “Quais das seguintes fontes, se houver alguma, você usa para acessar notícias?”; em segundo lugar, ficam as redes sociais.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 5º semestre do curso de Jornalismo em Multimeios do Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: beatrizmenezes30@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. vinculado ao Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: zleal@uneb.br.

Programas de entrevista no Brasil

Os programas de entrevista no Brasil, chamados popularmente como *talk shows* – nome oriundo dos Estados Unidos –, tem início nos anos de 1970. Nessa época, o Brasil estava passando pela ditadura militar (1964-1985), regime de intenso autoritarismo e censura a tudo o que fosse contrário ao governo. Com o Jornalismo, não seria diferente. Anteriormente a esse período, não existiam programas televisivos de entrevista de cunho nacional, como o Roda Viva, Canal Livre (1980), Sem Censura (1985), devido à falta de abertura para debate público televisionado no país, e à própria censura.

Apenas na segunda metade da década de 1970 é que os programas de entrevista explodem, a partir dos movimentos pela democracia e liberdade de expressão, iniciados após a morte do jornalista Vladimir Herzog (1937-1975) [...] diretor de jornalismo da Hora da Notícia, telejornal exibido pela TV Cultura que tinha como foco o depoimento popular sobre os problemas da comunidade (SILVA, 2011), e da diminuição do controle do Estado sobre a imprensa.

Breve história da TV Cultura

A TV Cultura é uma emissora de televisão pública brasileira, que foi inaugurada, originalmente, em 20 de setembro de 1960 pelos Diários Associados e relançada em 15 de junho de 1969 pela Fundação Padre Anchieta, com a proposta de criar e transmitir programas educativos. Atualmente pertence ao governo de São Paulo, e é mantida pela fundação que a criou, esta funciona sem fins lucrativos e recebe recursos públicos e privados, através de propagandas, apoios culturais e doações de grandes corporações.

Um discurso do então governador de São Paulo Roberto de Abreu Sodré, criador da Fundação Padre Anchieta (Centro Paulista de Rádio e TV Educativa), foi o primeiro conteúdo exibido. Em seguida, diversos outros produtos, públicos ou não, mas educativos, tomaram conta da programação.

O Roda Viva

O Roda Viva é o programa de entrevistas mais antigo da televisão brasileira, e está no ar desde 1986. Lançado após as Diretas Já – conjunto de grandes manifestações feitas em 1984 por todo o país, nas quais o povo brasileiro cobrava o imediato fim do regime militar, que vigorava desde 1964, e o direito de escolher o chefe do poder Executivo, o presidente da República. Esse cenário de intensa mobilização social e reabertura

democrática, que acontecia por meio das movimentações pela Redemocratização do Brasil (1985), era ideal para que fosse lançado um programa de entrevistas que tivesse o debate político como principal assunto, porém arriscado. Foi o que a TV Cultura fez.

Com a trilha sonora por parte da canção do cantor e compositor Chico Buarque (80 anos), de mesmo nome, e um cenário que imita uma arena, onde os entrevistadores ficam ao redor e o entrevistado ao centro, encurralado e sendo indagado por cerca de uma hora e quarenta minutos, teve início o programa de entrevistas televisionado que marcaria a história do telejornalismo brasileiro, com características e estética próprias. Nada parecido havia sido feito até então.

Há cerca de 38 anos, todas as segundas-feiras, depois das 22h – o horário foi se modificando ao longo do tempo – são entrevistadas personalidades da política, das artes e de diversas áreas do conhecimento, de forma a buscar cumprir a missão do programa: [...] realizar jornalismo público de qualidade ao oferecer aos telespectadores a possibilidade de conhecer o pensamento e o trabalho de personalidades nacionais e estrangeiras com profundidade. (TV CULTURA, 2024).

A estrutura do programa é sustentada pelo cenário, o qual foi pensada para deixar o entrevistado em desvantagem, sendo “forçado” a responder os questionamentos e a debater. Essa estética, conforme Silva (2011), corrobora para que o entrevistado de fato seja o principal elemento da conversação.

O pacto sobre o papel do jornalismo se mostra ao telespectador na própria estrutura cênica do estúdio: uma arena, no centro da qual o entrevistado da rodada se posiciona e ao seu redor, numa arquibancada um nível acima, seus entrevistadores formam um círculo interrompido por três televisores. Através dessa estrutura, todos podem se entreolhar e o entrevistado pode se dirigir a qualquer lado. Essa constituição do cenário, que o programa carrega desde a sua estreia, efetuando algumas variações, sugere que o centro do programa, ocupado pelo entrevistado, será o foco do debate. É para ele que todas as questões convergem e é ele que deverá responder à sabatina de perguntas formuladas pelo apresentador do programa, pelos demais mediadores convidados e pelos telespectadores que podem participar por e-mail ou por telefone (SILVA, 2011, p. 51).

Na estreia do programa, mediada por Rodolfo Gamberini, a produção convidou 22 entrevistadores para a sabatina de Paulo Brossard, entre jornalistas, políticos, acadêmicos e mais. Estiveram na bancada Augusto Nunes, jornalista que posteriormente viria a apresentar o programa, Getúlio Bittencourt, Cláudio Abramo, Vinícius Caldeira Brant, Percival de Souza, Margarida Genevois, Miriam Leitão, Eduardo Muylaert, Paulo Moreira Leite, dentre outros.



Primeiro programa apresentado, no qual o mediador divide a bancada com três telefonistas, 1989. Fonte: site da TV Cultura.

Atualmente é mediado pela jornalista Vera Magalhães, no cargo desde 2019, mas a mediação já foi realizada por personalidades como Rodolpho Gamberini (1986–1987), Augusto Nunes (1987, inicialmente como segundo apresentador –1989; 2013–2018), Jorge Escosteguy (1989–1994), Rodolfo Konder (1990), Roseli Tardelli (1994), Heródoto Barbeiro (1994–1995; 2009–2010), dentre outros.



Roda Viva com a escritora Grada Kilomba, 13/05/24. Fonte: site da TV Cultura.

Análise de conteúdo e enquadramentos jornalísticos

A Análise de conteúdo, para Bardin (1977), é entendida como a tentativa de entender e aplicar conhecimentos relativos às condições de produção de determinado produto midiático, recorrendo a metodologias quantitativas e qualitativas. Tendo em vista que se insere também no campo qualitativo, nota-se que é possível analisar discursos midiáticos com tal método, mesmo com as limitações — aponta-se isso pois a metodologia indicada para analisar discursos é a própria análise do discurso, mas, por diversas questões, esta não se aplica ao objeto de estudo em voga.

Nessa perspectiva, os discursos identificados no programa Roda Viva, que os colocam como defensor da democracia, dentro das funções do Jornalismo elencadas por Schudson (2008) – informação, investigação, mobilização social, empatia social, análise, fórum público, defesa da democracia – são: o caráter de construtor e mediador de realidades, dentro das ideias de fórum público, mobilização social e investigação. Não somente realiza a mediação, mas faz isso conforme suas políticas, adotando o que mais se encaixa em sua “linha editorial”, a seus interesses. Nesse programa, há a construção de realidades por meio dos enquadramentos jornalísticos usados. Segundo Rothberg (2010):

[...] na prática jornalística, um enquadramento (framing) é construído através de procedimentos como seleção, exclusão ou ênfase de determinadas informações, de forma a compor perspectivas gerais, através das quais os acontecimentos e situações do dia a dia são dadas a conhecer. Trata-se de uma ideia central que organiza a realidade dentro de determinados beijos de apreciação e entendimento, que envolvem o uso de expressões, estereótipos, sintagmas etc. (ROTHBERG, 2010, p. 55-56).

Dentre os enquadramentos jornalísticos, Rothberg (2010) elenca alguns tipos, como o de jogo, episódico, de conflito e episódico, (2010, p. 24), apontando que os veículos de informação usam os que se adequam a suas propostas. No objeto de estudo deste trabalho, nota-se que há a exploração dos enquadramentos de conflito e episódicos, quando, principalmente, os entrevistadores estimulam o entrevistado a contrapor falas de outras personalidades, a trazer a tona episódios que já foram superados, ou não, rivalidades que foram criada pela mídia, e podem não existir, de fato. Porém, explora também os enquadramentos temáticos, que, segundo Rothberg, são:

[...] abordagens contextualizadas, plurais e abrangentes, que relacionam antecedentes e pressupostos de políticas públicas, avaliam implicações e consequências, examinam alternativas e critérios de comparação etc. [...] (ROTHBERG, 2010, p. 24).

Nota-se isso ao assistir o programa: em todos as edições, os temas debatidos e os entrevistados são diversos, perpassam áreas que vão desde política – o interesse maior do programa, começando pelo contexto em que foi criado, e ter o viés de emissora que busca a educação do público, em várias esferas –, os entrevistadores são não somente jornalistas, mas também professores, sociólogos, filósofos, escritores e outros profissionais envolvidos na Educação, nas Ciências Humanas ou ainda interessados à cultura brasileira etc.

Se por um lado o programa semanal da TV Cultura se constrói para a audiência como um espaço aberto a qualquer visão de mundo, por outro, a postura dos entrevistadores não se mostra tão isenta de concepções preestabelecidas. (SILVA, 2011, p. 60-61).

No programa, são debatidos diversos assuntos de várias formas e com o telespectador, fomentando a formação de uma opinião pública mais aprofundada, coisa que o Jornalismo diário factual não consegue projetar. Assim, o programa distribui o papel de construção do debate entre todos os entrevistadores e o público, não somente ao abrir espaços para diversos temas e pontos de vista, mas também ao fazer com que os telespectadores possam participar.

Uma característica marcante do Roda Viva é a adoção de estratégias para mudar o andamento das conversas e não perder a audiência é tender para o viés político, para algo mais polêmico, por natureza, a fim de que os entrevistados possam dar suas opiniões a respeito de tal assunto, os encurralando, deixando-os em situações desconfortáveis, em que são obrigados a falar.

Mesmo quando o entrevistado não tem relação direta, mais próxima com a política, a conversa é levada para esse tom, como aconteceu na entrevista com o escritor paquistanês Tariq Ali, mediada pelos jornalistas Demétrio Magnoli e Roberto Lameirinhas. Para Silva (2011), foi-se desconsiderado em alguns momentos o motivo pelo qual a personalidade tinha sido convidada, a Festa Literária Internacional de Parati, para perguntar sobre a sua militância política.

Paulo Markun (a Tariq Ali) - Eu queria começar pelo seguinte. O senhor acha que é possível conciliar literatura e militância política? Porque é uma longa discussão no mundo. Houve época que era muito valorizado, momentos em que se considerava que não havia ligação possível - uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa - e o senhor faz ambas. É possível haver essa conciliação? “Sendo assim, não interessa ao programa o estilo textual de Tariq Ali, a construção de narrativas, o processo de distribuição dos livros – embora sua vinda ao Brasil

estivesse vinculada, mas sim as questões que contextualizam suas obras – as contradições entre o mundo ocidental e o oriental – e será esse o assunto abordado durante a conversa. A preferência do programa pela atuação política do convidado demonstra o tom do Roda Viva no cumprimento do papel de vigilante e de formador de opiniões. (SILVA, 2011, p. 63-64).

Outro jogo de enquadramento observado é o das câmeras: muitas vezes são usadas imagens de apoio para dialogar com o que está sendo dito; imagens estas do próprio estúdio, ou não. Acredita-se que o objetivo principal dessas ações é contribuir para a formação de opiniões, usando desse jogo que nem sempre é benéfico ao Jornalismo de qualidade.

Para Silva (2011), um exemplo disso é a entrevista com o professor Valdemar Setzer, realizada em 2007. Este recurso une imagem e conversação para criar diálogos mais palpáveis, fáceis do público compreender melhor, e demonstrar a opinião do programa, muitas vezes. Nessa sabatina, há, através do jogo que as câmeras fazem, a manifestação da emissora, que se coloca contra o discurso do entrevistado. Entende-se que tais condutas podem levar a certos enviesamentos, e impactar na formação de opiniões e pontos de vista do público, devendo ser pautado tal caminho usado na construção das entrevistas.

Até onde vai a imparcialidade, objetividade e neutralidade?

A imparcialidade, objetividade e neutralidade são elencadas como os princípios que norteiam o fazer jornalístico, mas há questões a serem levantadas nesses campos, não somente no Roda Viva, mas em todos os produtos que se dizem jornalísticos. Nota-se que, no exercício da profissão jornalística, não é possível desvincular-se totalmente do “eu”, pois, como destaca Hangai (2012): “[...] cada indivíduo é dotado de um eu (*self*), uma essência de personalidade que antecede a todos os papéis que ele venha a desempenhar” (p. 4). Portanto, torna-se impossível o distanciamento total desse eu, de visões pré-estabelecidas, o que, na teoria fere os princípios base do Jornalismo, mas que, na prática, não significa tantas perdas, uma vez que todos os veículos têm interesses próprios, a mídia por si mesma é interessada; seja no que for. Diante disso, o que importa sobretudo é o princípio da objetividade e defesa da democracia, o que o Roda Viva defende e busca salvaguardar.

Dentre as questões aqui levantadas, cabe citar a presença do Jornalismo opinativo, visto como algo que: “[...] permite a troca livre de opiniões que se consolidam em

argumentos" (SILVA, 2011, p. 60). Isso se explicita no Roda Viva quando os entrevistados fazem perguntas de cunho mais pessoal, a fim de saber pontos de vista sobre determinados assuntos, em perguntas como: “o que você acha de...?”, ou “qual sua visão sobre...?”. De certo modo, tem-se espaço para isso, porque se trata de um programa de debate, mas é preciso cuidado para que não seja perdida a objetividade jornalística, um dos principais valores do bom Jornalismo.

Lugar de referência para o público

Dessa forma, o programa se consolida como um lugar de referência para o público, com função pedagógica, cumprindo a missão da emissora, que é transmitir conteúdos que informem, mas também eduquem e contribuam com o senso crítico da população. Conforme Vizeu (2009) “[...] o noticiário da televisão é um lugar de referência. Ou seja, ele nos mostra que o mundo existe, está presente na “telinha”. O que os jornalistas fazem diariamente é “organizar o mundo” procurando torná-lo mais compreensível para homens e mulheres (VIZEU, 2009, p. 77).

Dessa forma, mesmo que o Roda Viva não seja um programa de jornalismo factual, se constitui como esse lugar de referência ao fazer parte da vida das pessoas há quase 40 anos, e construir debates com personalidades que o público tem sentimentos, seja de admiração, raiva, ou mesmo, indiferença – quando se trata de pessoas famosas, na maioria dos casos, só se tem sentimento de indiferença quando não há conhecimento.

Por fim, o programa se torna legitimado socialmente quando auxilia na formação de opinião: apesar de não contextualizar muito os assuntos que são tratados, deixando isso sob responsabilidade do telespectador, dá bases e aprofundamentos que permitem a formação mais aprofundada da opinião pública, que perpassa pelas perguntas que são feitas aos entrevistados, uma vez que se tem uma breve noção do que se quer que seja respondido. Além do fato de incentivar o público a se informar sobre os temas discutidos, ao não entregar tudo sobre os assuntos debatidos, requerendo um repertório prévio para o entendimento.

Logo, mesmo se colocando como esse espaço de referência – a emissora sabe da relevância do programa –, não desconsidera outros veículos e emissoras que também possam fazer um jornalismo de qualidade: chama outros jornalistas, principalmente, que não são da casa, e dá espaço para que possam contribuir, deixando-lhes explícita a

necessidade de atuar segundo as diretrizes da TV. Vale salientar que, mesmo com essa importância, serve a uma lógica de mídia capitalista, que, embora seja de domínio público, sobrevive do anúncio de produtos, serviços e demais coisas do sistema capitalista, não se configurando, portanto, como uma emissora independente e/ou alternativa.

Participação do público

O público que assiste ao Roda Viva é composto em sua maioria por pessoas adultas, por homens e mulheres de meia idade, e um dos fatores que explica isso é o horário: 22h. Além disso, o público é composto em sua maioria por pessoas que tem um certo nível de formação acadêmica, e isto deve-se à linguagem utilizada, mais robusta e com termos mais “difíceis” do que nos jornais factuais.

Outro ponto que vale ressaltar é a necessidade de se ter um repertório sociocultural anterior para assistir e entender as questões abordadas no programa, pois os entrevistados, apesar de irem preparados para entrevistar, conhecendo os entrevistados e suas contribuições aos temas, não contextualizam o público acerca do que será tratado, exceto no início, quando são explicados brevemente os motivos pelos quais a personalidade foi convidada. Para Silva (2011):

Com exceção desses momentos, o Roda Viva pouco fornece informações contextuais sobre os assuntos que surgem na conversação, cabendo ao telespectador completar as lacunas deixadas pelo programa com informações que já possui através do acompanhamento constante da imprensa. Deste modo, o programa requer um amplo repertório cultural, uma vez que pressupõe que o telespectador já conheça os assuntos que surgem nas falas dos participantes (SILVA, 2011, p. 67).

Sobre a participação dos telespectadores, Silva (2011) destaca que algo que é próprio do programa estudado é a possibilidade da audiência (o público) participar. Para a autora, essa é uma característica marcante do programa, que existe desde o início e foi se adaptando conforme as tecnologias foram surgindo; tem-se o estabelecimento de um fórum público, como destaca Schudson (2008).

Essa participação do público se dá de diversas formas, em períodos distintos da história. No início do programa, as pessoas davam suas opiniões e contribuições pelo telefone, ao vivo. Anos depois, dos anos 90 para os 2000, o público passa a estar

presencialmente, por meio da plateia, que era formada por advogados, jornalistas, representantes partidários etc., que mesmo no programa, não podiam falar.

O fato da audiência não poder discutir ativamente, mesmo que participe, é algo que levanta questionamentos sobre até onde vai a participação do público nessa lógica, levando ao entendimento de que a ação se restringia apenas ao mero assistir, e não à construção, de fato. Até onde vai o Jornalismo plural e democrático, que a emissora diz defender? E quais os parâmetros para ser plateia? Para Silva (2011), os critérios para estar na plateia não são explícitos, mas sempre existiram e foram se modificando.

Essa tentativa de representação popular no interior do contexto discursivo do programa visava sustentar a proposta de um jornalismo público que a emissora que o transmite carrega, mas também obedecia a uma seleção por parte da produção do programa. Sendo assim, não era qualquer pessoa que entrava na plateia do Roda Viva, mas aquelas que possuíam alguma relação com o convidado. (SILVA, 2011, p. 71).

Anos depois, a produção passa a gravar um VT (*videotake*) com perguntas de pessoas comuns em locais públicos, que eram exibidos. No final da década de 2000, vão se modificando as maneiras de atuação do público, o que deixou a relação entre enunciador e enunciatário mais distante. Tais mudanças partiram da introdução de uma pessoa que faz a mediação, responsável por ler os questionamentos e direcioná-los aos convidados.

Convergência midiática e mudanças na participação do telespectador

Atualmente, o programa vai ao ar, ao vivo, a partir das 22h, na TV Cultura, no *site* da emissora, no app *Cultura Play*, além do *X* (antigo *Twitter*), *YouTube*, *Tik Tok* e *Facebook*, o que evidencia as transformações proporcionadas pela convergência midiática (JENKINS, 2009), que faz com que todas as mídias e formas de Comunicação estejam convergidas nas plataformas digitais, as chamadas redes sociais. Assim como a forma de transmissão do programa também se modificou, com a participação do público não seria diferente.

Com esse fenômeno, há a midiatização da voz da audiência, que deveria participar ativamente, mas que, nos contextos apontados, não tem, é podada, porque o papel fica restrito aos chats e comentários das plataformas, mas não como plateia, de fato. O que é um problema, já que a premissa básica é fazer um Jornalismo democrático, e que, dessa forma, teria que ter uma participação mais ativa do público.

Tal questão é importante e deve ser levantada, já que a premissa básica do programa é fazer Jornalismo de maneira democrática, e, que por esse motivo, deve ter uma participação mais efetiva de fato, do público. Silva (2011) destaca que tais aspectos permitem certa liberdade ao telespectador, mas de forma reduzida.

Considerações finais

Diante das análises realizadas, conclui-se que o programa Roda Viva inaugurou uma nova forma de fazer programa de entrevista, pensando mais no debate atento à construção e formação social, além da educação e busca por conhecimento, importante para o consumo adequado das mídias e à formação de senso crítico, que contribui ao exercício da cidadania. Hoje está inserido nos moldes do Telejornalismo expandido (SILVA, ROCHA e SILVA, 2018), estando presentes nas maiores plataformas digitais, mostrando a capacidade de se adaptar e permitir uma interação maior com o público.

Apesar de todas as modificações implementadas, o programa se mantém da mesma forma que a do início, no sentido da estética do cenário, por exemplo, (Silva, 2011, p. 73), mantendo o seu “debate vivo” (Silva, 2011, p. 73), a qualidade, seriedade e a credibilidade adquirida ao longo dos quase 40 anos de existência. Consequentemente, consolida ainda mais o seu lugar de referência para os(as) brasileiros(as) (VIZEU, 2009). Silva (2011) sintetiza duas importantes mudanças que a convergência midiática proporcionou ao programa, que passam pela exploração de assuntos mais pessoais dos convidados — característica dos programas atuais —, e pela interatividade, com o advento das plataformas digitais.

Se o Roda Viva tivesse um lema, poderia ser “O inquérito é o veículo pelo qual a verdade pode ser trazida à luz”, conforme Silva (2011, p. 63), pois é o que melhor representa o programa, uma vez que a dúvida e a curiosidade, em que se baseiam a investigação — base e “norte” do programa — são exploradas e favorecidas por diversas estratégias, mesmo que, para isso, certos caminhos convencionais de se fazer Jornalismo sejam desconsiderados em alguns momentos, e possa se perder no sentido da objetividade, em alguns aspectos. Enquanto houver dúvida, haverá debate no programa televisivo de entrevista mais antigo da televisão brasileira.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

HANGAI, L. A. **A Framing Analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em Comunicação**. REVISTA AÇÃO MIDIÁTICA - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura - Programa de Pós Graduação em Comunicação. Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFPR), Vol 2. nº 1, 2012.

MELLO, J. N. **Telejornalismo no Brasil Faculdade Santa Amélia SECAL**. Disponível em: <<https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>> Acesso: 18 mai. 2024.

NOSSO MEIO. **Mais de 60% dos brasileiros dizem consumir notícias pela TV, segundo YouGov**. Disponível em: <<https://nossomeio.com.br/mais-de-60-dos-brasileiros-dizem-consumir-noticias-pela-tv-segundo-yougov/>> Acesso em: 19 maio/2024.

SILVA, E.; ROCHA, L.; SILVA, S. **Telejornalismo expandido**. Comunicação Midiática, v. 13, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/418>> Acesso: 19 mai. 2024.

SILVA, F. M. **O Roda Viva e as estratégias de construção de um debate público**. In: GOMES, IMM., org. Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 49-74. ISBN 978-85-232-1199-8. Available from SciELO Books.

VIZEU, A. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica**. Revista FAMECOS, RS: Porto Alegre, nº 40, dezembro de 2009, quadrimestral. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6321>> Acesso: 19 mai. 2024.